

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
70.910 - Brasília - DF.

Fones.: 273.3264 (direto)
274.0022 - ramal 2368

SÉRIE ANTROPOLOGIA No. 88

A CULTURA BRASILEIRA

ROQUE DE BARROS LARAIA

1900

1900

A CULTURA BRASILEIRA

Roque de Barros Laraia

Em um outro trabalho¹ citamos George Murdock, quando este afirma que "os antropólogos sabem de fato o que é cultura, mas divergem na maneira de exteriorizar este conhecimento". Início esta comunicação citando Antonio Augusto Arantes² quando afirma que a dificuldade com o conceito de cultura agrava-se com a sua adjetivação. Sabemos o que é cultura, mas temos dificuldade em definir cultura popular, cultura brasileira, etc. O que pretendemos neste trabalho é a conciliação do conceito antropológico de cultura, com a sua adjetivação na forma de cultura brasileira.

Revedo velhos e novos autores, constatamos que a dificuldade aumenta quando estes, em suas tentativas de definir cultura brasileira, enveredam-se simultaneamente pela busca da compreensão da consciência nacional, do caráter nacional e até mesmo da identidade brasileira. Alguns deles aumentam a complexidade deste emaranhado quando buscam as suas respostas, através de explicações de ordem psicológica, procedimento este

¹Cultura: um conceito antropológico, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1986, 2. edição: 1987, 3. edição: 1988, 4. edição: 1989.

²O que é Cultura Popular?, Editora Brasiliense, São Paulo, 1991.

que foi muito comum no pensamento social deste século, mas cujos resultados quase sempre consistiram em generalizações de pouco poder elucidativo.

Na maioria dos casos, a dificuldade que defrontamos é mesmo de ordem conceitual. Antropólogos, acostumados com uma definição de cultura que tem as suas raízes no iluminismo e a sua formulação mais precisa em Tylor², descobrimos com frequência que falamos uma outra linguagem que não é exatamente a mesma de nossos interlocutores. Para nós, a dicotomia vigente no século XVIII, entre a expressão germânica kultur e a francesa civilization, foi superada pela ação sintetizadora de Tylor, na formulação do conceito de culture, que além de incorporar o conteúdo semântico de ambos os termos, acrescentou ainda mais: tudo aquilo que depende de aprendizado do homem como membro de uma dada sociedade. Assim, o que constatamos com frequência é a utilização ainda hoje da expressão germânica kultur, que se refere a toda grande produção do espírito humano. Em outras palavras, cultura tomada como sinônimo de erudição.

Alberto Torres (1865-1917), o grande pensador do início do século, em seu livro O Problema Nacional Brasileiro (1914), demonstrou estar muito a frente de seus contemporâneos (como Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, etc.) nas questões referentes a raça, mas afirmava categoricamente que "nunca chegamos a possuir uma cultura própria, nem mesmo uma cultura geral" (p.38). Ou então:

² Edward Tylor, Primitive Culture, John Murray & Co. Londres, 1871.

"Tal tem sido o nosso nível de preparo mental até hoje. Nós temos ilustração; não temos cultura" (p.220). Por isso dizia ele "é mister formar uma consciência nacional... a autonomia de um povo nasce em sua consciência; a raiz da personalidade é a mesma, no homem e na sociedade" (p.103). Da idéia de consciência nacional ele passa inevitavelmente para a de caráter nacional: "o problema de nossa vida não é o problema do caráter individual, é o problema do caráter nacional" (p.116). E a partir daí sucumbiu às generalizações tão comuns aos autores que adotam essa abordagem. O brasileiro, diz ele, "é sensível, generoso, nobre, hospitaleiro, probo, trabalhador" (p.121). Reforça este último qualificativo com uma nota de pé de página: "o brasileiro é trabalhador e ativo como os mais operosos povos do mundo. O trabalho é no Brasil, em todas as profissões, mais demorado e mais intenso que na Europa".

A sensação que temos durante a leitura de seu livro, é que Alberto Torres esteve muito próximo de formular realmente o conceito de cultura brasileira. Esta sensação cresce a medida que aumenta o seu discurso contra a intromissão de idéias alienígenas. Mas, de fato, não conseguiu se libertar do pressuposto que cultura significa erudição. E também de imaginar uma forma utópica de cultura, ou seja aquela constituída apenas de elementos produzidos pelo próprio povo. Optou, então, pela tentativa, tantas vezes repetidas depois, de descrever o caráter nacional. Assim fazendo, foi autor de afirmações que, apesar de suas aparentes estranhezas, merecem alguma reflexão. Afirma que o

modo de pensar dominante leva o nosso povo "a transformar o desânimo em descrença da raça e da pátria e adotar por credo a forma negativa de virtude e do patriotismo que consiste em exagerar e proclamar os nossos defeitos, os nossos vícios, a nossa corrupção e a nossa ignorância" (p.123).

O seu livro, publicado no momento em que o mundo mergulhava na primeira grande tragédia deste século, rescende de atualidade. "Atravessamos neste momento a crise mais séria de nossa história" (p.181). Entre os motivos dessa crise, na qual considera o problema principal a falta de organização, cita pioneiramente o fato que o "homem tem sido um destruidor implacável e voraz das riquezas da Terra. Toda a vida histórica da humanidade tem sido uma vida de devastação e esgotamento do solo, de incêndios de tesouros e florestas, de saques de minérios do seio da terra, de esterilização de sua superfície" (p.195/196).

Em seu livro, no qual o caráter nacional é descrito com generosidade, e não falta mesmo uma crença otimista na capacidade do povo - em contraste com a afirmação que "o Estado é, no Brasil, um fator de dissolução" (p.54) - encontramos ainda uma afirmação de retumbante atualidade: "Temos sido, assim, um país ao qual tem faltado organização e educação econômica, capital, crédito, organização do trabalho, política adaptada às condições do meio e à índole da gente um país desgovernado, em suma" (p.275).

Em Gilberto Freyre, além da busca do caráter nacional, existe a busca do caráter português, que o leva ao seu luso-

tropicalismo. Muito já foi dito sobre Casa Grande & Senzala, obra exponencial do ensaísmo brasileiro, assim o que pretendemos dizer aqui está circunscrito a idéia de cultura brasileira, tal como aparece na obra de Freyre. Aluno que foi de Boas teve, mais do que qualquer outro brasileiro de sua época, acesso à teoria antropológica sobre cultura. Com Boas, conforme nos informa em seu prefácio da primeira edição, aprendeu a "considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos das relações puramente genética e os de influências sociais, de herança cultural e de meio".

Sabemos que as idéias de Boas não eram incompatíveis com os estudos de caráter nacional, haja visto que os principais adeptos dessa abordagem, nos Estados Unidos, foram os mais diletos alunos de Franz Boas, como por exemplo Margareth Mead, Ruth Benedict e Ralph Linton. Mas Boas era um intransigente defensor da supremacia do conceito de cultura sobre o de raça. Foi o primeiro, no mundo acadêmico, a alertar sobre o perigo do racismo nazista. Entretanto, como nos mostra Carlos Guilherme Nogueira*, Freyre teve os seus momentos de infidelidade em relação ao mestre. Atribuiu à raça um "peso maior que o suposto pelo antropólogo, chegando a mencionar certas qualidades condicionadas pela raça, ou até mesmo indicando algumas felizes pré-disposições de raças" (p.61). É verdade que agiu de maneira diferente de seus contemporâneos, preocupados em apontar os defeitos das raças

* Ideologia da Cultura Brasileira, Editora Atica, São Paulo, 1977.

formadoras de nossa nacionalidade. Freyre buscou as virtudes e entre elas a da possibilidade da convivência harmoniosa, chegando mesmo a criar o mito do "senhor amável".

Entre as críticas que são formuladas a sua obra podemos destacar a do regionalismo ("Nas casas grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter nacional"), a referente a tentativa de buscar um modelo de cultura brasileira através do estudo do segmento dominante de uma região. Não pretendemos discutir aqui essas críticas, mas o que queremos mostrar é que Gilberto Freyre foi pioneiro em uma utilização mais antropológica do conceito de cultura. Em Casa Grande & Senzala, o termo kultur perde espaço para a descrição e análise do comportamento trivial, até mesmo rasteiro. Cultura deixa de ser erudição exclusivamente e passa a ser a maneira de cozinhar, de fazer sexo, de judiar, de se vestir. "É dentro de casa - diz ele - na hora da modorra, é que os homens, mulheres e meninos desferravam-se dos excessos europeus de vestuários. Os meninos andando nus ou de sunga-nenê. Os grandes, de chinelos sem meia, de pés descalços; os senhores de engenho, de chambre de chita por cima das ceroulas; as mulheres de cabeção" (p.413). É por isto, apesar de todas as críticas, é que Casa Grande & Senzala constitui um marco em nossa história cultural. Através de sua visão da cultura de elite é possível vislumbrar um fragmento daquilo que chamamos cultura brasileira, que não pode ficar limitada apenas aos nobres senhores da Casa Grande. Daí a importância da cozinha, da senzala, dos sobrados e dos mocambos.

Fernando de Azevedo teve também acesso às obras antropológicas da primeira metade do século, mas mesmo assim a sua definição de cultura não é diferente da adotada por Alberto Torres: "entendemos por cultura...esse estado moral, intelectual e artístico, em que os homens souberam elevar-se acima das simples considerações de utilidade social, compreendendo o estudo desinteressado das ciências e das artes".

A sua idéia de cultura, como forma de erudição, fica bem evidente na análise do conteúdo de seu livro *A Cultura Brasileira*, publicado em 1943. Os títulos de seus capítulos são bastante elucidativos: "A vida intelectual"; "A vida literária"; "A cultura científica"; "A cultura artística", etc.

Como Alberto Torres, enveredou-se em busca do caráter nacional, metamorfoseado na fórmula durkheimiana de "caráter coletivo". Analisa de uma forma crítica a fábula das três raças, conforme foi originariamente construída por Afonso Arinos de Mello Franco (*Conceito de Civilização Brasileira*, 1936), mas, mesmo assim, não escapa da construção de estereótipos, como o "predomínio do afetivo, do irracional e do místico", "a resignação fatalista", "a tolerância e a hospitalidade", "o desinteresse econômico", "a falta de espírito positivo, de objetividade e exatidão", "o individualismo impedindo a concentração política", etc.

A seu favor, podemos recordar que tal tipo de abordagem, na época em que seu livro foi escrito, vicejava também na antropologia americana. Era o tempo da busca do caráter e da

personalidade", um tempo em que Ruth Benedict construía categorias tão generalizadoras como apolíneas e dionisiacas. Categorias estas que já tinham sido adotadas, entre nós, por Artur Ramos que chegou a afirmar ser "a nossa cultura...apolínea".

Carlos Guilherme Mota, ao se referir ao I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em janeiro de 1945, no Teatro Municipal de São Paulo, e que reuniu a nata da intelectualidade brasileira, mostra o surgimento de uma preocupação com a tese da "democratização da cultura", tema este que vai perdurar por mais de vinte anos. Tanto é que Florestan Fernandes, em seu discurso aos graduandos da turma de 1964, da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo, referindo-se a necessidade de fortalecimento da ordem social democrática atribui ao intelectual a função de "operar como agente humano da democratização da cultura, hoje mera entidade abstrata e verbalizada nas intenções dos mais avançados!" Nessa mesma alocução reafirma a necessidade de democratizar a riqueza, o poder e a cultura.

O que necessita ser democratizado é algo que está monopolizado, que é privilégio de uma minoria em detrimento de uma maioria. Assim, mais uma vez, o significado de cultura é kultur, o que é acessível para poucos, mas que deve ser partilhado por todos. Debaixo desta aparentemente generosa posição esconde-se o fato grave da negação da existência de uma cultura entre as camadas mais desprivilegiadas. Renato Ortiz (1985) já analisou uma manifestação importante deste tipo de

perspectiva altamente etnocêntrica (um etnocentrismo de classe) que foi o CPC (Centro Popular de Cultura) da União Nacional dos Estudantes. Uma tentativa de interferência na cultura popular, com a finalidade de conscientização política. Tudo não passou de um ato fortemente paternalista e preconceituoso que atribuía à classe estudantil o monopólio da cultura e da consciência política. Ortiz cita Carlos Estevam que afirmava "fora da arte política não há arte popular". A partir desta afirmação é possível deduzir um sentido novamente restrito para o conceito de cultura.

Durante a Nova República foi criado o Ministério da Cultura. Na ocasião, a seção regional da Associação Brasileira de Antropologia encaminhou ao novo Ministério um documento no qual sugeria diretrizes para a atuação em relação à cultura brasileira. Essas sugestões mostravam como o Ministério poderia contribuir para o sucesso de programas realizados por outros Ministérios, principalmente nas áreas de habitação e saúde. Tudo indica que o documento foi engavetado e nós tivemos uma sucessão de Ministros que confundem cultura com música, pintura, teatro, etc. Não resta dúvida que a maior aproximação do Ministério com cultura brasileira foi a teoria da broa de milho!

O que pretendemos nesta comunicação é ampliar a definição de cultura brasileira: ela tem usualmente abrangido a erudição, a chamada produção cultural, mas não pode ser apenas isto. Os membros deste Grupo de Trabalho sabem disto: no decorrer dos últimos anos tem apresentado comunicações que abordam outros

aspectos da cultura brasileira. Aspectos de uma cultura que não é apenas o produto dos estúdios, dos atelieres, dos palcos e das academias; mas também das casas e das ruas, dos terreiros, das rinhas, das praias, dos forrós e dos sambões.

Busca de caráter e da consciência nacional, procura da alma brasileira, vislumbramento do futuro, tudo isto sempre foi uma constante na perseguição de um modo de definir a cultura brasileira. Mário de Andrade sintetizou todo este esforço. Ora, afirma que "o brasileiro não tem caráter porque não possui uma civilização própria nem consciência tradicional". Ora, busca a construção da alma nacional. Ora, perde-se nas armadilhas de uma posição antropogeográfica. Ora, aceita a estereotipização tão usual em sua época, tomando como traços marcantes da personalidade brasileira a "indolência, a sensualidade, a preferência pelo sonho, a observação melancólica da realidade, a malícia e a agilidade de raciocínio quando em perigo, a capacidade para mentira" (cf. Ancona Lopes)⁸. Enfim, o brasileiro é Macunaima, o índio que é negro e que se torna branco através da água purificadora do batismo. Novamente a fábula das três raças, como formadora da cultura brasileira. Mas, apesar de tudo isto, Mário de Andrade aproxima-se muito da alma do povo. Foi capaz, em

⁸ Citada por Mariza Veloso M. Santos, "A cultura brasileira e a constituição da sua totalidade em Mário de Andrade", op. cit. Agradeço a esta autora por ter me recordado a importância de Mário de Andrade em Turista Aprendiz.

um texto verdadeiramente etnográfico, O Turista Aprendiz, de captar as coisas aparentemente simples, mas que juntas constituem o tódo de nossa cultura. É o caldo-de-cana, os sorvetes coloridos de Belém, o repicar da viola, a semostração da carioca, o bumba meu boi, etc.. A cultura brasileira como reinvenção dos traços europeus. Um sistema dinâmico e não apenas a herança estática de diferentes tradições. Os elementos herdados são apropriados e, numa rica forma de bricolage, reinterpretados, reorganizados, como nos mostra Da Matta: "no campo religioso, conseguimos criar religiões intersticiais, como a umbanda, religiões sincréticas, isto é, fundadas em elementos compostos e tirados de outros credos, tudo isto neste jogo de ideologias que se nutrem do ambíguo e da conciliação abrangente que evita a todo custo o conflito e o confronto"⁴.

O retorno à uma abordagem mais antropológica, não necessariamente limitada pela definição de Tylor, pode nos abrir os olhos para os aspectos mais recônditos da cultura brasileira, aspectos estes que são invisíveis para aqueles que confundem cultura com erudição⁷.

⁴ Roberto Da Matta, *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*, Vozes, Petropolis, 1981.

⁷ Apresentado ao Grupo de Trabalho "Cultura Brasileira" na Reunião Anual da ANPOCS, realizada em outubro de 1989, em Caxambú.

SÉRIE ANTROPOLOGIA - TÍTULOS PUBLICADOS

01. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Povos Indígenas e Mudança Sócio-Cultural na Amazônia, 1973. Republicado (*) em A Sociologia do Brasil Indígena, do mesmo autor. 2ª edição, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Ed. UnB, 1978: 173-196, e em Man in the Amazon, org. por Charles Wagley, Gainesville: The University Presses of Florida, 1974: 111-135.
02. RAMOS, Alcida Rita. Nomes Pessoais e Classificação Social na Sociedade Sanuma (Yanoama), 1973. Republicado no Anuário Antropológico/76: 13-38 e em Peasants, Primitives and Proletariats, org. por Browman e Schwartz, Haia: Mouton, 1979: 191-205.
03. MELATTI, Julio Cesar. O Sistema de Parentesco dos Índios Kraho, 1973. Republicado em Dialectal Societies, org. por D. Maybury-Lewis, Cambridge: Harvard University Press, 1979: 46-79.
04. RAMOS, Alcida Rita e Peirano, Mariza G. e S. O Simbolismo da Caça em Dois Rituais de Nominção, 1973.
05. WOORTMANN, Klaus. Comunidade e Haciendas no Peru Andino: Contribuição a uma Sociologia do Camponado Latino-Americano, 1973.
06. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Um Conceito Antropológico de Identidade, 1974. Republicado em Ates 3(4), 1973: 208-219 e em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: Pioneira, 1976: 33-52.
07. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Processos de Articulação Étnica, 1974. Republicado em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: Pioneira 1976: 53-73, e em Processos de Articulación Social, org. por Hermitte e Bartolomé, Buenos Aires: Amorrotur, 1977: 282-304.
08. MELATTI, Julio Cesar. Reflexões sobre Algumas Narrativas Kraho, 1974. A maioria das narrativas, sem as reflexões, republicadas em Folk Literature of the Gê Indians, vol. II, org. por J. Wibert e K. Simoneau, Los Angeles: University of California-UCLA, 1984: 316-354.
09. RAMOS, Alcida Rita. Identidade Étnica numa Situação Intertribal, 1974. Republicado em Hierarquia e Simbiose, org. pela mesma autora, São Paulo: HUCITEC? Brasília: INL, 1980: 23-65.
10. RAMOS, Alcida Rita. Mundurucu. Mudança Social ou Falso Problema?, 1974. Republicado em American Ethnologist, 5, 1978: 679-689.
11. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Possibilidade de uma Antropologia da Ação entre os Tukuna, 1975. Republicado em América Indígena 37(1), 1977: 145-169 e em Sociologia do Brasil Indígena, do mesmo autor, 2ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Ed. UnB: 1978: 197-222.
12. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Reconsiderando Etnia, 1975. Republicado em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: 1976: 79-109.

(*) Os textos republicados nem sempre o são na mesma língua e por vezes sofrem modificações no título e na redação.

13. MELATTI, Julio Cezar e MONTAGNER MELATTI, Delvair. Relatório sobre os Índios Marúbo, 1975.
14. ZARUR, George de C. Leite. Pescadores do Golfo do México: Racionalidade Econômica e Sistema Social, 1976.
15. ZARUR, George de C. Leite. Repensando o Conceito de Matrifocalidade, 1976.
16. RAMOS, Alcida Rita. Extinção, Alienação ou Simbiose? 1977. Republicado como Introdução a Hierarquia e Simbiose, pela autora, São Paulo: HUCITEC, Brasília: INL, 1980: 01-17.
17. CADAXA, Maria. No Burgo do Tempo Perdido: Vondervotteimittis Revisitado, 1977.
18. RAMOS, Alcida Rita e ALBERT, Bruce. Descendência e Afinidade: O Contraste entre Duas Sociedades Yanocama, 1977. Republicado nas Actes du XLII Congrès International des Américanistes, vol. II, Paris, 1977: 71-90.
19. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Leitura de Mauss, 1977. Republicado como Introdução a Mauss, org. pelo autor. São Paulo, Ática, 1979: 05-50.
20. HOORTMANN, Klaas. Hábitos e Ideologia Aliventares em Grupos Sociais de Baixa Renda. Relatório Final, 1978.
21. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade e Estrutura Social, 1978. Republicado no Anuário Antropológico/78: 243-263 e em Enigmas e Soluções, do mesmo autor, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983: 103-125.
22. LARAIA, Roque de Barros. A Situação das Minorias Étnicas no Brasil, 1978. A parte referente ao negro, ampliada, republicada no BIB 7; 1979: 11-21.
23. LUSTIG-ARECCO, Vera. Adaptação à Caça: Uma Análise Comparativa, 1978. Republicado na Revista de Antropologia 22, 1979: 39-60.
24. MELATTI, Julio Cezar. À Procura de uma Classificação dos Personagens Mítico-Rituais Timbiras, 1979. Republicado no Anuário Antropológico/79: 99-130.
25. SYGAUD, Lygia Maria. O Sindicato e a Estratégia do Capital, 1979.
26. AMARAL, Custódia Selma Sena do. Durkheim e o Estudo das Representações, 1979. Republicado no Anuário Antropológico/82: 134-164.
27. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Etnia e Estrutura de Classes, 1980. Republicado no Anuário Antropológico/79: 57-78 e em Enigmas e Soluções, do mesmo autor, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983: 126-149.
- 27a. SILVERWOOD-COPE, Peter L. Os Maku - Povo Caçador do Noroeste da Amazônia, 1980. o 3º capítulo foi publicado no Anuário Antropológico/78: 176-239.
28. SILVERWOOD-COPE, Peter L. The Secret of The Pagodas (Religion and Politics in South-East Asia) 1981. Traduzido para o português no nº 62 desta mesma Série.
29. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. As Categorias do Entendimento na Formação da Antropologia, 1982. Republicado no Anuário Antropológico/81: 125-146.
30. PEIRANO, Mariza G. e S. Documentos e Identidade Social (Algumas Reflexões sobre Cidadania no Brasil), 1982. Republicado em Sociedade e Estado, vol. 1 nº 1: 49-63.
31. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Sociedade Plural" e Pluralismo Cultural no Brasil, 1982. Republicado em Tempo Brasileiro 71, 1983: 07-17 e em Proceedings of the American Ethnological Society. Washington, 1984: 35-48.

32. RAMOS, Alcida Rita. Sociedades Indígenas, 1982. Republicado com cortes, como volume da Série Princípios, São Paulo: Ática, 1986.
33. MACHADO, Lia Zanotta. Identidade e Individualismo, 1982.
34. FISCHER, Michael M. From Interpretive to Critical Anthropologies, 1982. Republicado no Anuário Antropológico/83: 55-72.
35. PEIRANO, Mariza G. e S. Etnocentrismo às Avessas: O Conceito de "Sociedades Complexas", 1982. Republicado em Dados 26(1), 1983: 97-115.
36. LARAIA, Roque de Barros. O Conceito Antropológico de Cultura, 1983. Republicado com o título Cultura: Um Conceito Antropológico, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
37. PEIRANO, Mariza G. e S. a Antropologia Esquecida de Florestan Fernandes: Os Tupinambá, 1983. Republicado no Anuário Antropológico/82: 15-49.
38. MELATTI, Julio Cezar. Antropologia no Brasil: Um Roteiro, 1983. Republicado no BIB 17, 1984: 3-52.
39. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Introdução a uma Leitura de Rivers, 1984. A ser republicado como Introdução a Rivers, org. pelo autor, São Paulo: Ática.
40. WOORTMANN, Klaas. A Família Trabalhadora, 1984. Republicado em Ciência Hoje 3(13), 1984: 26-31 e em Ciências Sociais Hoje/1984, São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1984: 69-87.
41. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia, 1984. Republicado no Anuário Antropológico/84: 191-203.
42. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A "Categoria da Causalidade" na Formação da Antropologia, 1984. Republicado no Anuário Antropológico/83: 11-52.
43. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Leitura e Cultura de uma Perspectiva Antropológica, 1984.
44. PEIRANO, Mariza G. e S. O Antropólogo como Cidadão: Louis Dumont e o Caso Brasileiro, 1984. Republicado em Dados 29 (1), 1985: 27-43.
45. RAMOS, Alcida Rita. Categorias Étnicas do Pensamento Sanumá: Contrastes Intra e Inter-Étnicos, 1984. Republicado no Anuário Antropológico/84: 95-108.
46. MACHADO, Lia Zanotta e MAGALHÃES, Themis Quezado de. Imagens do Espaço: Imagens de Vida (Um Estudo sobre Brasília) 1984. Republicado em Brasília, Ideologia e Realidade: Espaço Urbano em Questão, org. por Aldo Paviani, São Paulo: Projeto, Brasília, CNPq, 1985: 191-214.
47. MACHADO, Lia Zanotta. Família, Honra e Individualismo, 1985.
48. MELATTI, Julio Cezar. A Origem dos Brancos no Mito de Shoma Wetsa, 1985. Republicado no Anuário Antropológico/84: 109-173.
49. MELATTI, Julio Cezar. Curt Numuendajú e os Jê, 1985.
50. WOORTMANN, Klaas. A Comida, a Família e a Construção do Gênero Feminino, 1985. Republicado em Dados, vol. 29, nº 1, 1986: 103-130.
51. RAMOS, Alcida Rita; LAZARIN, Marco Antonio e GOMEZ, Gale Goodwin. Yanomani em Tempo de Ouro (Relatório de Pesquisa) 1985. Republicado em Cultura Indígena de la Amazonia. Catálogo del Quinto Centenario. Madrid: Biblioteca Quinto Centenario, 1986:73-83.
52. RAMOS, Alcida Rita. Sociedades Indígenas. A Classificação de Parentes, 1986. Trecho do

- nº 32 da Série Antropológica não publicado no volume da Coleção Princípios, São Paulo: Ática, 1986.
53. PEIRANO, Mariza G. e S. O Encontro Etnográfico e o Diálogo Teórico . Republicado no Anuário Antropológico/85. Rio: Tempo Brasileiro, 1986.
 54. MELATTI, Julio Cezar. "Wenía: A Origem Mitológica da Cultura Marubo", 1986.
 55. LARAIA, Roque de Barros. Os Estudos de Parentesco no Brasil , 1987. Republicado em BIB 23. 1987: 3-17.
 56. CARVALHO, José Jorge de. O Jogo das Bolinhas de Vidro: Uma Simbólica da Masculinidade , 1987. A sair no Anuário Antropológico/87.
 57. PEIRANO, Mariza G. e S. A Índia das Aldeias e a Índia das Castas: Reflexões sobre um Debate , 1987. Republicado em Dados, vol. 30, nº 1, 1987: 109-122.
 58. PEIRANO, Mariza G. e S. O Pluralismo de Antonio Candido , 1987.
 59. CARVALHO, José Jorge de. A Força da Nostalgia: A Concepção de Tempo Histórico dos Cultos Afro-Brasileiros Tradicionais , 1987. Republicado em Religião e Sociedade, vol. 14, nº 2, 36-61. 1988.
 60. LARAIA, Roque de Barros. Etnologia Indígena Brasileira: um Breve Levantamento , 1987.
 61. SEGATO, Rita Laura. Algunas Propuestas para un Estudio del Cambio Religioso: La Expansión Evangélica en la Quebrada y Puna Jujeñas , 1987.
 62. SILVERWOOD-COPE, Peter L. O Segredo dos Pagodes: Religião e Política no Sudeste Asiático , 1987. Tradução do nº 28 desta Série.
 63. SENA, Custódia Selma. Em Favor da Tradição ou Falar é Fácil, Fazer é que são Elas , 1987.
 64. LARAIA, Roque de Barros. A Morte e as Mortes de Curt Nimuendajú , 1988. in Ciência Hoje, vol. 8, nº 44.
 65. PEIRANO, Mariza G.S. "Are You Catholic ? Relato de viagem, Reflexões Teóricas & Perplexidades Éticas. 1988. Republicado em Dados, vol. 31, nº 2, p. 219-242.
 66. RAMOS, Alcida Rita. Vozes Indígenas: O Contato Vivido e Contado. 1988. A sair no Anuário Antropológico/87 e em Nation-State and Indian in Latin America, org. por Greg Urban e Joel Sherzee.
 67. RAMOS, Alcida Rita. A Antropologia Brasileira Vista Através do Anuário Antropológico, 1988.
 68. LARAIA, Roque de Barros. A Morte nas Sociedades Tupi-Guarani, 1988.
 69. WOORTMANN, Klaas A.W. "Com Parente não se Negocia": O Camponato como Ordem Moral , 1988. A sair no Anuário Antropológico/87.
 70. RIBEIRO, Gustavo Lins. Descotidianizar. Extrañamiento y Conciencia Práctica. Un Ensayo sobre la Perspectiva Antropológica. 1988.
 71. CARVALHO, José Jorge. A Antropologia e o Nihilismo Filosófico Contemporâneo, 1988. Republicado no Anuário Antropológico/86, 153-181. Brasília: Ed. UnB/Tempo Brasileiro.
 72. ARAGÃO, Luiz Tarlei de. Perspectivas de Ocupação do Cerrado na Região de Brasília ou Notas para uma Antropologia do Sertão , 1988.

73. SEGATO, Rita Laura. A Vida Privada de Iemanjá e seus Filhos: Fragmentos de um Discurso Político para Compreender o Brasil. 1988. A sair no Anuário Antropológico/87.
74. CARVALHO, José Jorge de. Violência e Caos na Experiência Religiosa, 1988.
75. SEGATO, Rita Laura. A Antropologia e a Crise Taxonômica na Cultura Popular. 1988. A sair pelo INF. FUNARTE.
76. PEIRANO, Mariza e Souza. Teoria e Prática da Antropologia: Dois Exercícios. 1988.
77. CARVALHO, José Jorge de. O Lugar da Cultura Tradicional na Sociedade Moderna. 1988.
78. MELATTI, Julio Cesar. Dos Alicerces Somáticos das Culturas Panos Considerados Por Elas Pró prias. 1989.
79. KRACKE, Waud. O Poder do Sonho no Xamanismo Yupi (Parintintin). 1989.
80. CARVALHO, José Jorge de. Nietzsche e Xangô: Dois Mitos do Ceticismo e do Desmascaramento. 1989.
81. RIBEIRO, Gustavo Sérgio Lins. Militares, Antropologia, Desenvolvimento¹ (Uma Abordagem Pre liminar). 1989.
82. PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. Só para Iniciados. 1989.
83. PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. Diálogos, Debates e Embates. 1989.
84. RIBEIRO, Gustavo Lins. Acampamento de Grande Projeto, Uma Forma de Imobilização da Força de Trabalho pela Moradia. 1989.
85. RIBEIRO, Gustavo Sérgio Lins. Latin America and the development debate*.
86. SEGATO, Rita Laura. Um Paradoxo do relativismo: O Discurso Racional da Antropologia Frente ao Sagrado ¹
87. WOORTMANN, Klaas. Migração, Família e Campesinato. 1990.
88. LARAIA, Roque de Barros. A Cultura Brasileira. 1990.

